

GT 04 – Estudos Literários: Múltiplas abordagens
**A OPOSIÇÃO ENTRE A CIDADE E O CAMPO NO ROMANCE “A CIDADE E AS
SERRAS” DE EÇA DE QUEIRÓS**

Luana Alves de Lima
URCA – Missão Velha
lua.lima016@gmail.com

Marciana Generoso de Oliveira
URCA- Missão Velha
marcianageneroso2016@outlook.com

Profª. Ma. Cássia da Silva
URCA – Missão Velha
Cassia_silv@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade analisar a oposição entre a cidade e campo dentro da Literatura no romance “A Cidade e as Serras” de Eça de Queirós. A fundamentação teórica baseia-se em pesquisa bibliográfica de autores que abrangeram nos seus estudos essa tese, destacando Raymond Williams (1989) e José Carlos Siqueira (2018) além de artigos científicos e trechos da obra de Queirós, ressaltando assim, que a oposição entre o Centro Urbano e o Rural é destaque em muitas obras literárias como, por exemplo, na obra “As Pupilas do Senhor Reitor”, no qual o personagem Daniel se transforma ao deixar o campo, comprovando que há uma distinção no estilo de vida na cidade e no campo e que esta interfere no ser social, e na personalidade dos personagens dentro da história. A cidade se formou a partir de pequenas aldeias principalmente depois da revolução Industrial no século XVII. Com o crescimento das fábricas e o aumento de mão de obra, o homem muitas vezes deixava seu lugar de origem, almejando um estilo de vida melhor, o que nem sempre acontecia, pois muitas vezes eram submetidos a condições de trabalhos precários. Na narração os leitores podem perceber que o autor repassa cuidadosamente essa ideia e que, para ele, a cidade é muitas vezes o lugar para receber experiências, marcada por grandes por evoluções tecnológicas, no qual mesmo apresentando problemas dava uma sensação de preenchimento e riqueza humana. O Campo é o lugar de escrever sobre a vida, criou-se a idealização que pela presença das altas montanhas ele era um espaço de maior aproximação com o criador. Desse estudo, foi possível constatar que o contraste de vida entre cidade e campo defendida por eles perpetua até os dias atuais, a cidade com suas caracterizações negativas e o campo com características positivas. Queirós realça essas contradições do início ao fim da sua obra, dialogando muitas vezes com momentos do nosso presente, ela se torna real, e isso faz dela um grande clássico e marco na nossa Literatura.

Palavras-chave: Oposição. Cidade. Campo. Eça de Queirós.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como finalidade analisar a oposição entre a cidade e o campo dentro da Literatura no romance “A Cidade e as Serras” de Eça de Queirós, percebemos a tão grande importância desse tema quando observamos a variedade de autores que fizeram dessa tese seu campo de estudo e deixaram as suas grandes contribuições na história da Literatura.

A metodologia utilizada baseia-se em uma pesquisa bibliográfica desenvolvida a partir de autores, renomados como Raymond Williams (1989), José Carlos Siqueira e Stélio Furlan (2018), e também do artigo científico intitulado “José de Alencar: entre O Campo e A Cidade” dos autores: Thyanne Oliveira Rosa Lucena, Dr. Gustavo Abílio Galeno Arnt (2015), além de trechos do romance “A cidade e as Serras” (QUEIRÓS, 2001).

Dentro das obras literárias, nesse caso especificamente no romance de Queirós, a diferença no estilo de vida existente na cidade e no campo (serra) são perceptíveis, nos personagens protagonistas da história: Jacinto e José Fernandes, que ao longo da narrativa assumem caracterizações dependentes do meio em que estão.

Sendo assim esse trabalho se encontra dividido em dois tópicos: “O contexto histórico entre a Cidade e o Campo” que abrange as características do centro urbano e rural ao longo da história literária, e no tópico seguinte, “José Fernandes e Jacinto: A oposição entre a Cidade e o Campo no romance de Queirós”, que abordo trechos da obra que comprovam a distinção da vida dos personagens.

2. RESULTADOS E DISCUSSÕES

2.1 CONTEXTOS HISTÓRICO: CIDADE E CAMPO

É do nosso conhecimento que a povoação se deu primeiro nos centros rurais e que o centro urbano surgiu de pequenas aldeias constituídas por pessoas que saíam do campo, essa informação é importante para compreendermos o desenvolvimento de ambas, afirma Lucena, Arnt (2015, P.01):

[...] Sendo assim, para iniciarmos devemos fazer um breve observação acerca da relação histórica entre o campo e a cidade. Precisamos ter o conhecimento de que o campo sempre existiu, mas pelas necessidades que houve ao decorrer dos anos, a cidade acabou se estabelecendo, em pequenas aldeias ganhando mais terras do que o esperado, prejudicando a vida de quem morava no campo.

É preciso lembrar que, com a Revolução Industrial entre os anos de 1840 a 1870, a cidade vivenciou seu momento de auge, sendo que muitas famílias rurais deixaram suas casas no intuito de ofertar mão de obra nas fábricas, ou seja, a procura de trabalho.

Nessas migrações a cidade foi se tornando um grande aglomerado de pessoas, muitas vezes submetidas às condições de trabalho precárias, mas por outro lado a tecnologia avançava cada vez mais lhe dando um grande destaque. Segundo Williams (1989) a cidade:

A associou-se à ideia de centro de realizações-de-saber-, comunicação, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas :a cidade como lugar de barulho mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso ignorância e limitação. (P.11)

O crescimento trazia oportunidades para muitos, não só em relação ao trabalho, mas também aos estudos, por exemplo, o personagem José Fernandes deixa a Serra de Guiães para ir à cidade (Paris) cursar faculdade, outra divergência que o romance deixa bem claro é em relação às amizades, no qual o personagem Jacinto as mantinha por interesses sociais que o pudessem deixá-lo bem visto.

Deste modo as relações na cidade eram mantidas por interesses sociais, nos quais os interesses pessoais de conseguir ser bem visto e de riqueza prevalecia até mesmo sobre o amor ea paz dos personagens.

2.2.JOSÉ FERNANDES E JACINTO: A OPOSIÇÃO ENTRE A CIDADE O CAMPO NO ROMANCE DE QUEIRÓS

O livro “A cidade e as Serras” foi publicado no ano de 1892, nele o autor abrange de forma clara a divergência entre a cidade (Paris)e as serras (Guiães e Tormes), ao narrar durante a obra a vida dos personagens José Fernandes e Jacinto, grandes amigos, porém marcados por uma disparidade no início da história, em que mesmo ao chegar na cidade Zé Fernandes continuava a admirar a beleza do campo, já Jacinto mesmo inserido no mundo tecnológico se encontrava com a alma vazia e mesmo assim defendia que apenas na cidade o homem conseguia ser feliz: “Um desses moços mesmo, o nosso invento Jorge Carlande ,reduzia a teoria de Jacinto ,para lhe facilitar a circulação e lhe condensar o brilho,a uma forma algébrica :Suma Ciência X Suma Potência = Suma felicidade.” (Eça de Queirós, 2001, P.12)

Como já sabemos o período Industrial fez com que a cidade evoluísse muito mais que o campo, nesse sentido William (1989) liga a cidade a uma ideia de civilização, evolução, no qual muitas pessoas se tornaram dependente da tecnologia, isso nos é confirmado na pessoa de Jacinto que achava uma loucura pensar na sua vida longe de tudo isso:

Por uma conclusão bem natural, a ideia de civilização, para Jacinto, não se separava da imagem de cidade, de uma enorme cidade, com todos os seus vastos órgãos funcionando poderosamente. Nem este meu supercivilizado amigo compreendia que longe de armazéns servidos por três mil caixeiros; e de mercados onde se despejam os vergéis e lezírias de trinta províncias; e de bancos em que retine o ouro universal; e de fábricas fumegando com ânsia, inventando com ânsia; e de bibliotecas abarrotadas, a estalar, com a papelada dos séculos... De fios de telégrafos, de fios de telefones, de canos de gases, de canos de fezes; e da fila atroante de ônibus [...]. (QUEIRÓS, 2001, p.13)

A cidade começou a ser traçada pela correria diária, pela poluição vindo das fábricas, do barulho dos automóveis tomando todas as características negativas, por outro lado como nos declarou William (1989):[...] “O campo passou a ser associado a uma forma natural –de-vida –de paz, inocência e virtudes simples[...]” (p.11) capaz de refletir na ação humana. Vivenciado nos trechos: “[...] mirava o relógio, impaciente. Ainda trinta minutos! Depois sorvendo o ar e a luz, murmurava, no primeiro encanto de iniciado:- Que doçura, que paz... (Queirós, 2001, p.102):

Tudo resplandecia de asseio e de ordem. As portadas das janelas, cerradas, abrigavam o sol que batia aquele lado de Tormes, escaldando os peitoris de pedra. Do Soalho, borrifado de água, subia, na suavizada penumbra, uma frescura. Os cravos rescendiam. Nem dos campos, nem da casa, se elevava um rumor. Tormes dormia no esplendor de manhã Santo [...] (p.121).

A tranquilidade do campo é capaz de fazer um renovo, declarou Siqueira: “Aproximar-se da natureza seria também, retornar ao estado original, primitivo e, portanto, mais puro e verdadeiro que o mundo de aparências e veleidades em que vivemos cotidianamente no meio urbano” (p.122). Isso nos é confirmado nos seguintes trechos: “[...] dos olhos, que na cidade andavam sempre tão crepusculares e desviados do mundo, saltava agora um brilho de meio-dia, resoluto e largo, contente em se embeber na beleza das coisas. Até o bigode se lhe encrespara... Era um jacinto novíssimo [...]” (p.121).

E em: “[...] Segura estava a sua ressurreição depois de tantos “anos de cova, da cova mole em que jazera enfaixado como uma múmia nas faixas do pessimismo!”(p.126)

Assim Jacinto começa a se satisfazer no campo e encontra a paz que tanto procurou na cidade, apesar dele fazer algumas transformações na Serra como instalações de telefone, creches, ele não tem recaída a sua vida antiga mesmo com a chegada dos tão sonhados caixotes:

Eram os famosos caixotes, por tanto tempo encalhados em Alba e em Tormes, e que chegavam, para despejar a cidade sobre a serra. Eu pensei: - Mau! O meu pobre Jacinto teve uma recaída! Mas os confortos mais complicados, que continha aquela caixotaria temerosa, foram, com, surpresa minha, desviados para os sótãos imensos, para o pó da inutilidade; e o velho solar apenas se regalou com alguns tapetes sobre os seus soalhos, cortinas pelas janelas desabrigadas e fundas poltronas, fundos sofás, para que os repousos, por que ele suspirava, fossem mais lentos e suaves (QUEIRÓS, 2001, p.179)

Esse romance nos apresenta de forma explícita as características desiguais (Rural X Urbano) podendo ser resumido na colocação de Siqueira: “[...] Na oposição que aí se estabelece entre campo e cidade, o campo fica com todas as qualidades (paz, tranquilidade, verdade, pureza, essência, beleza etc.), enquanto à cidade são atribuídos todos os defeitos (tormento, falsidade, corrupção, aparência, feiúra etc.) (P.122).

“A cidade e as Serras”, é um grande exemplo das disparidades entre cidade e campo, Jacinto e Zé Fernandes assumem bem o papel de fazer chegar até o leitor essa informação de forma objetiva e direta, o autor Queirós não foge em momento algum dessa tese, dando ênfase até no fim da narrativa, vejamos:

E na verdade me parecia que, por aqueles caminhos, através da natureza campestre a mansa - o meu príncipe, atrigueirado nas soalheiras e nos ventos da serra, tão longe de amarguradas ilusões e de falsas delícias, trilhando um solo eterno, e de eterna solidez, com a alma contente, e Deus contente de nós[...] (P.192)

Deste modo, Jacinto comprova a tese que defende que o meio interfere na vida humana, reafirmado que até mais próximo de Deus são aqueles que vivem no campo, pois o cantar dos pássaros, o vento, e as altas montanhas davam essa sensação de paz de espírito.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este pequeno ensaio conclui que é bem perceptível dentro da Literatura a presença da contradição entre Campo e Cidade, e que as obras literárias produzidas nesse teor apresentam personagens que enfatizam ainda mais essa ideia. O romance “A Cidade e as Serras”, é um grande marco, ela nos coloca em momentos reais e comprovam opiniões de autores que estudaram e defenderam as divergências entre o centro rural e urbano.

Os personagens José Fernandes e Jacinto são exemplos das caracterizações que o campo (positivo) e a cidade (negativo) receberam ao longo do tempo e que o meio em que estamos inseridos interfere na essência do homem e contribuir para a sua vida. Cientes que esse pequeno estudo é uma pequena colaboração para universitários ou até mesmo estudantes do ensino médio, enfatizamos que há muito mais para se pesquisar como, por exemplo, fazer uma ponte entre os personagens José Fernandes e Jacinto (“A cidade e as Serras”) com o personagem Daniel (“As pupilas do Senhor Reitor” de Júlio Dinis) como também fazer uma ligação do romance com o tempo histórico em que foi escrito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FURLAN, Stélio, SIQUEIRA, José Carlos. Disponível em: <http://www.gopem.com.br/apostilas/literatura/18.pdf>>. Acesso em: 17 de agosto de 2018.

LUCENA, Thayanne Oliveira Rosa, ARNT, Gustavo Abílio Galeno. José de Alencar: Entre o Campo e a Cidade. In: **Mostra Nacional de Educação Científica e Tecnológica Interdisciplinar – MITIC**: IFC – Instituto Federal Catarinense, Campus Santa Rosa do Sul, 2015.

QUEIRÓS, Eça de. **A Cidade e as Serras**. Fortaleza: ABC Editora. 2001.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a cidade a História e na literatura**. Editora Companhia das Letras. 1989.